

Recensão Crítica

Susana Rosmaninho

surosmantino@gmail.com

15ª Bienal de Arquitetura de Veneza: “Reporting from the front” (ou a consciência social dos arquitetos)

Este texto é uma recensão crítica à 15ª Bienal de Arquitetura de Veneza.

This text is a critical review to 15ª Bienal de Arquitetura de Veneza.

Nota biográfica

Susana Rosmaninho é arquiteta, museóloga e produtora cultural. Mestre em Museologia pela FLUP, investigadora do CITCEM, co-fundadora e diretora da associação cultural Contentor e Conteúdo - Associação, responsável pela organização e produção do ciclo de conferências internacional realizado no Porto e Lisboa em 2016 "From Collections to Architectural Museums: Reflections on the Future Museum(s) of Architecture in Portugal", do qual foi a comissária e que vai ao encontro dos seus interesses de investigação.

Elaborou o projeto museológico para o Centro Interpretativo do Vale do Tua em 2015.

Colaborou na organização e produção do ciclo de conferências internacional "Container & Content: intersections between Museology and Architecture", em 2014 e a sua versão nacional em 2013, promovidos pelo Doutoramento e Mestrado em Museologia da FLUP.

Colaborou em três exposições do Programa de Arte e Arquitetura de Guimarães 2012 Capital Europeia da Cultura.

Biographical note

Susana Rosmaninho is an architect, museologist and a cultural producer. She holds a M.A. in Museology from the Faculty of Arts of the University of Porto, is a researcher at CITCEM - Transdisciplinary Research Centre «Culture, Space and Memory», co-founder and director of the cultural association Contentor e Conteúdo - Associação, responsible for the organization and production of the international conferences cycle held in Porto and Lisbon in 2016 "From Collections to Architectural Museums: Reflections on the Future Museum(s) of Architecture in Portugal", of which she was the commissioner and meets her research interests.

Susana elaborated the museological project for the Interpretive Center of Tua Valley in 2015.

Participated in the organization and production of the international conferences cycle "Container & Content: intersections between Museology and Architecture" in 2014 and its national version in 2013, promoted by the Doctoral and Masters programs in Museum Studies at the Faculty of Arts and Humanities, University of Porto.

Susana collaborated in three exhibitions of the Art and Architecture Program of Guimarães 2012 European Capital of Culture.

Ao longo da história, a arquitetura tem sido uma arte ao serviço do poder. O século XX assistiu a uma mudança, com o advento do Modernismo e o surgimento de uma consciência social - se não socialista. Não durou. As vastas extensões de habitação social e edifícios públicos destinados a redefinir a cidade como um lugar mais igualitário provou ser um breve desvio, e, no virar deste novo milénio estávamos de volta a uma tendência global de cultura arquitetónica ao serviço de corporações, instituições e oligarcas.

Neste contexto, a consciência social modernista vai permanecendo, ainda que residual; no entanto, o aparente abandono dos ideais sociais levou a que surgisse uma resposta, uma espécie de questionamento ao que se perde nesta linha de evolução.

Este ano, a Bienal de Arquitetura de Veneza é uma das expressões mais completas desta interrogação que a própria disciplina da arquitetura faz a si própria.

A Bienal é uma vitrina para a teoria, cultura e prática arquitectónica. É um espaço onde o protagonismo da arquitetura em si mesma deverá ser superior a outras questões – como a autoria - e onde deve ser capaz de aferir a capacidade de comunicar para um público mais amplo. Assim sendo, a Bienal é um lugar de tensões, entre o equilíbrio de mostrar o empenho nesta mudança sociocultural presente,

e o desejo dos arquitetos se mostrarem perante os seus pares.

A presente edição da Bienal conta com a curadoria do arquiteto chileno Alejandro Aravena - também vencedor do Prémio Pritzker 2016 – e é uma exposição que corajosamente tenta inverter a lógica do arquiteto estrela – mundialmente reconhecido e premiado – de muitas das edições anteriores. Esta edição, apesar de contar com alguns nomes associados a outros interesses prioritários que não os sociais, é liderada pelos coletivos de arquitetos que experimentam um envolvimento *bottom-up*, de inovações sociais em parceria com instituições da sociedade civil, no fundo os intervenientes que encarnam essa consciência social subjacente. Celebra a capacidade da arquitetura tocar a vida daqueles que mais necessitam – os pobres, os refugiados, os que perderam tudo.

Na Bienal de 2014, a exposição no pavilhão central do Giardini, concebida por Rem Koolhaas, tentou demonstrar a impotência dos arquitetos face à maciça dose de engenhos e engenharias. O visitante era recebido por um enorme sistema de ar condicionado que flutuava acima da entrada revelando a máquina escondida, que no fundo materializava metaforicamente aquilo a que Le Corbusier chamava a “máquina de habitar”, representando muita da essência do movimento moderno. Na atual edição, Aravena

desmantelou esse conjunto maquinal e moldou-o numa experiência escultórica e instalação artística: demonstrando uma alternativa criativa, onde os detritos da construção moderna e contemporânea criam algo belo, além do objeto.

O visitante é então lançado numa viagem à volta do mundo através de soluções engenhosas, críticas e situações de grande complexidade. No percurso das exposições no Giardini e no Arsenale, sucedem-se as propostas arquitetónicas expostas e é possível encontrar desde abóbadas de tijolo projetadas para serem construídas, globalmente, usando mão-de-obra não qualificada e materiais locais, e intervenções inventivas em favelas. A América Latina, Índia e África afirmam-se em relação às potências do hemisfério norte. E há momentos de provocação que fazem realmente pensar no poder da arquitetura. No Pavilhão Alemão (Figura 1) - um

edifício carregado de simbolismo de uma arquitetura fechada de um regime autoritário – onde só existiam duas portas, foram abertos novos vãos nas paredes exteriores e está mantido aberto 24 horas por dia como um símbolo da política de imigração da Alemanha.

Mais ligado à investigação de situações de conflito e guerra há uma sala inquietante de *Forensic Architecture* dedicada à engenharia reversa da destruição, com caminhos de estilhaços traçados com fios, e cuja análise revela exatamente o momento de devastação de casas no Paquistão por *drones* - usando o conhecimento arquitetónico para reunir provas. Nesta sequência, encontramos outra sala com representações da arquitetura dos campos de extermínio nazis. A Polónia ocupou o seu pavilhão com uma espécie de homenagem aos trabalhadores da construção civil que são quem realmente constrói os edifícios.



Figura 1 _ Pavilhão Alemão, 'Making Heimat. Germany, Arrival Country' ©Francesco Galli

No entanto, Aravena também foi inteligente na organização do material que convocou para a exposição central, evitando que o tema e resultado finais da exposição fossem demasiado carregados de uma visão pessimista da arquitetura e da sua função. É uma exposição atrativa. O enquadramento contextual complexo que estas propostas exigem poderia ter levado a uma exposição excessivamente didática,

contudo esta retém impacto visual e sensorial, provocando estímulos ao pensamento pelo seu conteúdo e novidade, como por exemplo, a representação de *Forensic Architecture* que à escala real é muito eficaz em transportar o visitante para uma hipotética situação em que se reveja numa situação semelhante, pensando não só nos moldes da guerra contemporânea, mas também até que ponto é justa uma guerra de *drones* e de bombas cirúrgicas que atacam em segredo. A abóbada de tijolo parabólica do arquiteto paraguaio Solano Benitez é um objeto belo enquanto outra abóbada, ainda mais cénica de *Block Research Group* é uma peça sedutoramente escultural. A proposta de uma casa projetada para ser auto-construída de Anupama Kundoo é também um ponto de ligação aos ideais modernistas, ao explorar o conceito de *Existenzminimum*. Também a Fundação Norman Foster participa neste grande gesto social da bienal com uma abóbada de tijolo concebida como um porto de *drones* para África, uma intrigante combinação de edifício cívico e depósito de entrega, criando uma nova tipologia.

Os pavilhões nacionais são, mais do que nunca, uma amálgama de diversidade. O Leão de Ouro, prémio para o melhor pavilhão, foi atribuído a Espanha pela sua exposição com edifícios inacabados e intervenções pensadas e cirúrgicas em sítios históricos. Sem dúvida, uma das melhores perspetivas sobre a importância do

papel dos arquitetos e da arquitetura. O pavilhão Britânico explora genericamente a mudança de estilos e expectativas de vida e dos seus modelos de financiamento, e não diretamente a peça arquitetónica. A Bélgica reflete sobre a arquitetura do quotidiano e a Áustria debruça-se sobre a crise de refugiados, e neste caso ofereceram parte do orçamento para financiar colchões em abrigos para refugiados.

Esta gama de pensamento ativista, pesquisa e envolvimento social eclipsou os poucos nomes sonantes que estão expostos, como Tadao Ando, Renzo Piano e Peter Zumthor. Assim como outros que aparentemente recusaram envolver-se com a preocupação geral e como resultado, fizeram-se parecer quase irrelevantes. A exposição do Victoria & Albert Museum sobre a cópia pareceu um pouco descontextualizada; no pavilhão Suíço (Figura 2), uma nuvem sólida, para a qual os visitantes podem subir, consegue ser tanto insignificante como admirável.



Figura 2 _ Pavilhão Suíço, 'Incidental Space' ©Andrea Spinelli

Informalmente poderá também pairar uma sensação incómoda de que os arquitetos do hemisfério norte caíram de pára-quedas de forma paternalista, naquilo que é a produção e resolução de problemas no hemisfério sul, não entendendo realmente a complexidade das situações. Alguma crítica mais anónima oriunda dos contextos mais problemáticos sugeriu que esta bienal foi uma oportunidade perdida – uma possibilidade para o hemisfério sul projetar uma agenda radical para a arquitetura antes que o *status quo* seja restabelecido. Por outro lado, não será um caminho fácil que o ativismo *bottom-up* substitua o conhecimento e teoria arquitetónica canónica implantada do hemisfério norte.

Aravena, o primeiro arquiteto do hemisfério sul a dirigir a Bienal, navegou por um caminho inteligente e delicado através das exigências complexas para criar uma exposição envolvente e instigante que reitera o potencial da arquitetura para fazer o bem.

Vizinhaça: Onde Álvaro encontra Aldo (e outros portugueses)

As estrelas do Pavilhão Português (Figura 3) não são os dois nomes incontornáveis do pensamento urbano e arquitetónico presentes no título – Álvaro Siza e Aldo Rossi – mas sim o próprio espaço urbano e o processo projetual.



Figura 3 _ Pavilhão Português, ‘Neighborhood: Where Alvaro Meets Aldo’ © Nicolò Galeazzi

Quatro projetos de habitação social concebidos por Siza – localizados em Veneza, Berlim, Porto e Haia - são os temas de uma série de documentários exibidos ao longo da exposição, complementados pelas respetivas maquetes. Os curadores, Nuno Grande e Roberto Cremascoli, optaram por expor no edifício de habitação inacabado projetado para a ilha de Giudecca em Veneza, mas também selecionaram documentários que dão voz aos utilizadores destes projetos de habitação, permitindo-lhes comentar e expressar a sua opinião franca sobre o que é bom, o que é mau, e o que mudaram nas suas casas ao longo dos anos.

Sente-se uma certa solenidade com a presença de Siza nos diálogos, mas é um arquiteto que conversa com os habitantes das suas obras, em tom descontraído, íntimo em que o arquiteto e o utilizador estão em igualdade e se respeitam mutuamente.

A participação portuguesa não se limita à representação oficial. Numa das salas do pavilhão central do Giardini está representado outro Pritzker, o arquiteto Eduardo Souto de Moura, com a maquete e fotografias da transformação duma das suas primeiras obras da década de 1980, o Mercado de Braga, numa escola de dança e música, onde foi necessário colocar de lado o ego da criação e ter uma abordagem extraordinariamente livre sobre o seu projeto inicial, retirando a cobertura e deixando-o em parte como uma ruína, enquanto se tentava com isto a revitalização do edifício. Também no mezanino do pavilhão central do Giardini, encontra-se a “Fenda”, uma pequena instalação da autoria dos arquitetos Aires Mateus, com a qual pretendem transmitir que a beleza não é uma camada adicional de bom gosto, mas a capacidade de captar e expressar desejos humanos. O espaço escuro revela estudos elegantes de forma e luz.

Também no Arsenale estão presentes obras de quatro arquitetos portugueses com projetos que abordam as preocupações subjacentes ao tema da Bienal. A primeira instalação com que nos deparamos, do lado direito, é a do *atelier* Menos é Mais, formado por Francisco Vieira de Campos e Cristina Guedes, que apresenta o teleférico de Gaia através de dois vídeos exibidos em simultâneo, questionando a possibilidade de utilizar uma encomenda privada para fazer

espaço público. Também com uma obra que liga dois pontos, no lado oposto do mesmo espaço, o arquiteto João Luís Carrilho da Graça mostra o seu projeto da ponte pedonal da Carpinteira na Covilhã através duma maquete e filme em negativo na parede, solarizado ao estilo de Man Ray, enfatizando a sua integração na paisagem.

Mais à frente, o arquiteto Paulo David apresenta a instalação “Madeira”. Explora uma espécie de ruínas invertidas, em dois espaços simétricos delimitados por duas telas que exibem vídeos. Ao centro, os blocos de cinzas vulcânicas suspensos, dos quais emergem dois abrigos, um para descobrir e ensaiar valores de uma (nova) casa – sobre a “turistificação” da Ilha -, e outro que nasce do desejo de desvanecimento do território carbonizado, abordando a questão da preservação da paisagem.

A arquiteta Inês Lobo apresenta a instalação “Pessoas”, que consiste na exploração do seu projeto duma mesquita na zona da Mouraria em Lisboa - local que enfrenta os problemas da decadência urbana e gentrificação – aqui delimitada por uma cortina branca e onde se mostra uma maquete e fotografias.

Para concluir, torna-se importante efetuar uma breve comparação entre a capacidade de discutir o tema proposto nesta edição da Bienal e na anterior, sob o tema “Fundamentals”. A exposição no pavilhão central “Elements of

Architecture” de Rem Koolhaas focou em si mesma quase todo o protagonismo da bienal. Foi aqui ensaiada uma hipotética celebração da modernidade e de tudo o que de revolucionário ela trouxe para a arquitetura, mas deliberadamente, ou não, Koolhaas deixou pouco espaço de interpretação e discussão para as representações nacionais que deveriam trabalhar sobre o tema “Absorbing Modernity 1914-2014”. Pouco se arriscou e na maior parte das vezes o esforço não foi mais além da catalogação – faltando mediação e apresentação de exemplos de edifícios notáveis ou a constatação de uma mudança de modos de vida,

pela sociedade industrial e o desenvolvimento das cidades no pós-guerra.

São exemplos desta estratégia, relativamente pouco ambiciosa, a representação portuguesa que se apresentou com o jornal “Homeland, News from Portugal” e o pavilhão francês que homenageou algumas glórias como Le Corbusier e Jacques Tati. Na presente edição da Bienal, estes papéis praticamente se inverteram e as propostas e reflexões mais interessantes encontram-se espalhadas pelos diversos pavilhões.